LAZER DO IMIGRANTE JAPONÊS NO BRASIL[1]

Luci Tiho Ikari[2]

RESUMO: O tema proposto tenta desvendar os lazeres do imigrante japonês, a partir do conceito de lazer e funções apregoados por Joffre Dumazedier[3], fazendo um recorte na história da imigração japonesa, e levantando as atividades e eventos de diversão/ entretenimento, descanso/relaxamento e desenvolvimento da personalidade/desenvolvimento das potencialidades. Verifica como era o tempo liberado do trabalho e o tempo livre através de pequenos prazeres do cotidiano de suas vidas. A mania associativa como tentativa de resolução de problemas de seu núcleo de imigração leva à prática e à organização de atividades e eventos de lazer, cada vez mais amplos e diversificados. Finaliza elaborando uma reflexão de que o conjunto de atividades e eventos serviram para amenizar o impacto do *gap* cultural existente entre brasileiros e japoneses, aproximando-os e dando apoio e sustentabilidade às suas vidas, além de enriquecer o cenário multicultural do país.

ABSTRACT: This paper aims at revealing the Japanese immigrant's leisure activities, based on the leisure concept and its functions as promoted by Joffre Dumazedier[3]. A facet of the Japanese immigration history will be analysed through personality/

1. Palestra apresentada junto à Associação Brasileira de Estudos Japoneses, na Fundação Japão, dia 27 de Abril de 2005. Resumo de um dos sub-capítulos da Dissertação de Mestrado, cujo título é "Lazer e Tempo livre da Comunidade Nikkei na Região Metropolitana de São Paulo Estudo das atividades e eventos esportivos, culturais e sociais" (Escola de Comunicações e Artes, Departamento de CRP-Turismo da Universidade de São Paulo-2002).
2. Mestre e Doutoranda na ECA/USP.
3. Sociólogo e educador francês, foi consultor do SESC-SP, por mais de uma década a partir de meados da década de 1970.

potentiality development, amusement/entertainment, relaxation/rest activities and events. It verifies how free time from work and everyday life were through small pleasures of their daily lives. The associative habit as an attempt of resolution of problems in their immigration nucleus leads to wider and more diversified practices and organizations of leisure activities and events. Finally, the paper concludes by raising awareness that the group of activities and events were meant to soften the impact of the cultural gap among Brazilians and Japanese, bringing them together and giving support and balance to their lives, improving multicultural scenes of the country.

PALAVRAS-CHAVE: lazer, tempo liberado do trabalho, tempo livre, funções do lazer, imigrante japonês, atividades e/ou eventos esportivos, culturais e sociais, Brasil.

KEYWORDS: leisure, free time from work, free time, leisure functions, Japanese immigrants, sports, cultural and social activities and events, Brazil.

1. Introdução

O tema abordado tenta desvendar como eram os primeiros tempos dos imigrantes no seu tempo liberado do trabalho, o tempo livre e o lazer, baseados no conceito e nas funções de lazer de Joffre Dumazedier. Destaca o papel das associações criadas com o intuito de resolução de problemas coletivos e práticas esportivas, culturais e sociais, que foram aos poucos transformando-se em associações recreativas e culturais.

Em seguida, identifica a conquista do espaço paulistano através de lazeres urbanos e eventos de datas comemorativas mais significativas, memoráveis e esperadas ansiosamente, num misto de eventos do calendário japonês e brasileiro.

E, finaliza com algumas considerações a respeito do assunto em pauta.

2. Lazer

Então, o que vem a ser lazer? Será o jogo, a brincadeira, o descanso, o entretenimento, a diversão, o relaxamento, o lúdico ou o desenvolvimento da personalidade?

Bem, todas essas palavras fazem parte do lazer. Após o estudo dos especialistas e acadêmicos do assunto, o conceito de Joffre Dumazedier é o que melhor situa o lazer na época contemporânea:

> *"Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de bom grado, seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais"* (Dumazedier, 1976: 34).

Acresce-se também o tempo liberado para o atendimento das necessidades fisiológicas, como colocados por outros estudiosos. Portanto, subtraindo todas as

obrigações, obtém-se um tempo livre para as atividades ou ocupações de livre escolha, prazerosas, gratificantes e, supostamente salutares e benéficas para o indivíduo e para a sociedade. E, que não causem *stress*, pois muitos na ânsia de praticar atividades e mostrar capacidades acima de seus limites, acabam estressados e/ou recorrendo a drogas para obter alto rendimento nos esportes ou obter uma boa perfomance nas suas ocupações. E, desvirtuando a idéia essencial do lazer.

Portanto, baseado em Dumazedier[4] o lazer exerce três funções principais:

- descanso ou relaxamento,
- diversão ou entretenimento,
- desenvolvimento da personalidade ou das potencialidades

A partir dessas funções de lazer, vamos então, averiguar como era o lazer do imigrante japonês, fazendo um recorte na história da imigração no Brasil.

3. Os primeiros tempos dos imigrantes

A imigração japonesa no Brasil começou em 1908. O lazer e o tempo livre dos primeiros imigrantes era incipiente, em relação às várias conquistas já efetuadas ao longo da história no Japão. Segundo Handa, os primeiros imigrantes não conseguiam tornar suas vidas mais agradáveis, pois o choque cultural era tão grande que "não havia condições para tal" , desde o clima, língua, alimentação, costumes e valores.

Nessa fase inicial de vida eles tentavam atender primeiramente às necessidades básicas como dormir, comer e cuidar da higiene pessoal. O senso estético e o "*modus vivendi* japonês", até então considerados comuns e normais em suas vidas foram colocados de lado. Segundo Handa, tiveram "que morar numa casa sem *tatami* (estrado de junco com que se forra o chão), tirar o quimono, jogar fora a tigela e o *hashi*, beber café ao invés de chá"[5].

Mesmo em relação ao tempo liberado do trabalho era restrito. A vida era regulada pelo relógio do capataz, que tocava o sino ou a corneta. O primeiro sino tocava às quatro horas da madrugada para acordar, embora a hora não fosse igual em todas as fazendas, variando cerca de uma hora, de acordo com as estações do ano. A saída era dada pelo sino às seis, quando já estava claro o dia. O almoço era simples, constituído de arroz agulha já frio e bacalhau seco, e que ocorria no cafezal, entre nove e dez horas. Tomavam cafezinho, às duas da tarde, obedecendo sempre ao toque do fiscal. O trabalho se encerrava ao pôr-do-sol, entre cinco e seis horas, quando iam para casa jantar. As mulheres eram dispensadas a seus lares mais cedo para os preparativos do jantar. Nesta refeição tomavam um caldo salgado e quente de melancia verde e então sentiam "um certo relaxamento". Às 9 horas da noite soava o sino anunciando a hora de dormir. Como não havia livro e à luz da lamparina não se podia ler, então deitavam-se logo em seguida[6].

4. DUMAZEDIER. *Vers une civilisation du loisir?* Paris/France: Points Civilisation. 1972, p. 26-28 ou DUMAZEDIER. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva. 1976, p.32-34.
5. HANDA, Tomoo. Senso estético na vida dos imigrantes japoneses. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. São Paulo: Vozes. 1973, p.400.
6. HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês. História de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A Queiroz. 1987, p. 90-94.

Era essa a rotina cotidiana do imigrante.

O que para eles constituía prazer ou permitia a satisfação de suas necessidades?

Um dos grandes prazeres da vida de um ser humano é comer. É fácil comprovar que os japoneses *comem com os olhos*, combinando os tipos da comida conforme as estações do ano e decorando-as apropriadamente em recipientes adequados.

Mas, esse prazer ficou limitado, pois não havia ingredientes e nem recipientes específicos para o seu preparo. O arroz consumido no Brasil era tipo agulha. Assim, após um ano de boa colheita, conseguir comprar um pouco de arroz catete de algum produtor era luxo.

O arroz catete passou a ser consumido a partir de 1930, com a fixação dos pequenos varejistas japoneses na cidade de São Paulo. E, com o plantio de soja com sementes trazidas do Japão depois da Primeira Grande Guerra, tornou-se possível a produção de *shoyu*, *tôfu* e *missô,* também vendidos nas mercearias da rua Conde de Sarzedas. Assim, com o tempo, algumas famílias passaram a elaborar "um padrão alimentar duplo: almoço à brasileira e, dentro do possível, jantar à japonesa" E, muitos imigrantes não ficavam sossegados enquanto não degustassem um pouco de arroz branco, em forma de *ochazuke* ou arroz branco regado com chá verde e picles[7]

Dessa maneira, o principal desejo dos imigrantes era comer arroz. O outro desejo era tomar banho de *furô ou ofurô*[8]. Tão logo eles podiam, adquiriam "um quinto ou um tambor vazio de pinga" para banho de *furô*. Assim, podiam tomar banho todos os dias quando a água também era fácil de ser conseguida. Eram instalados ao ar livre e protegidos com simples cercas. Os que não dispunham de *furôs* pediam licença para usá-lo emprestado. Esse hábito acabou resultando em um dos grandes prazeres e passatempos da vida monótona dos núcleos. Após o banho, "fazia-se um convite para um cafezinho, que se estendia em longas conversas sem grandes conseqüências, entremeadas de amendoim e pipoca"

Essa atividade desenvolvia o relacionamento social com a vizinhança e permitia conhecer melhor outros imigrantes. O banho de *furô* tirava o cansaço do dia e "trazia uma sensação gostosa, indescritível" que os fazia cantarolar imersos na água quente. Hoje, essa prática prazerosa está sendo utilizada em alguns *spas* como terapia de relaxamento.

Também, alguns imigrantes mais inspirados entretinham-se escrevendo em um pedaço de papel seus poemas, os *tankas*, pois eles eram alfabetizados no seu país.

Através de exemplos de *tanka*[9] podem ser observados os flashes de costumes da vida dos imigrantes e como eles tentavam exprimir seus sentimentos acerca da vida que levavam.

7. HANDA. 1987. Op. Cit. p. 535-538.
8. HANDA. 1987. Op. Cit. p. 539-540.
9. Poesia de 31 sílabas com a métrica 5, 7, 5, 7, 7, compondo um jogo de palavras. Da coletânea: "Korônia Man-yô-shû", de tradução livre, "sem preocupação com a forma poética" (Yamashiro e Kiyotani ,1992, p. 107-108).

Tomando mingau ralo de arroz
sinto pesar ao pensar na pressa
do colono em alcançar sucesso. (Kachô, 1920)

A luz do luar entrando pela parede
de juçara da choça feita no mato
refrigera meu corpo. (Shôfu-ken, 1925)

Uma outra característica dos imigrantes foi tentar plantar verduras entre os cafezais, pois estavam acostumados a comer hortaliças e, assim, começam a aparecer as mostardeiras, os maxixes parecidos com pepinos, e que os brasileiros comiam fritos. Para os japoneses, era estranho o hábito de comer pepinos fritos. Nessas plantações *intercalares*[10] via-se também a vagem verde do feijão, que servia como ingrediente da sopa. Também apanhava-se mamão verde para preparar picles, além de apreciarem também caruru e picões. Com o tempo e obtendo a permissão do capataz, podia-se cultivar a roça *independente*[11], onde se costumava plantar arroz e nabo. Portanto, cuidar das plantas apreciando o seu crescimento, era como um *hobby* ou um passatempo para eles.

Assim, quando chovia, principalmente no verão, os imigrantes corriam para fiscalizar suas culturas independentes, pois podia descansar sem aviso, enquanto não soasse a corneta "anunciando o retorno ao trabalho" Também durante a semana, quando o trabalho do cafezal estava em ordem, podiam, pedindo permissão ao capataz, dedicar-se à plantação independente. Costumavam dedicar-se à cultura independente também aos domingos e feriados, causando espanto aos brasileiros, que achavam que eles não respeitavam o dia santo.

4. Associações

Dizia-se que, quando três japoneses se reuniam, fundavam uma associação, onde todos os assuntos de interesse coletivo eram colocados e solucionados. Como os primeiros imigrantes tinham como objetivo principal o seu retorno ao Japão quando conseguissem juntar recursos suficientes, pois eram *dekassegui* japoneses no Brasil, inicialmente, preocupavam-se com a educação de seus filhos. Assim, tão logo possível reuniam-se em grupos com seus compatriotas para fundar uma escola primária em comum e proporcionar educação aos filhos, em muitos casos, o ensino em japonês e em português, paralelamente, ideal que se desvanece após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial.

Reuniam-se também para a organização do aniversário do Imperador, *tenchôssetsu*[12], cerimônia de casamento ou de funeral, solicitação de professor ao governo do Estado para a escola de seus filhos.

10. HANDA. 1987. Op. Cit. p.110.
11. HANDA. 1987. Op. Cit. p.103-104.
12. Costume entre japoneses da época.

Nessas associações havia também seção de jovens, que ajudavam na preparação e limpeza dos *undôkai* ou gincana poliesportiva[13], e na organização de encontros para confraternização ou torneio de sumô. Havia também seção de cultura, que promovia os cursos noturnos e dominicais, sessões de oratória, beisebol, atletismo, e outras[14]. Na seção das moças o "corte-e-costura era uma educação imprescindível às moças do Japão" ideal que fez surgir uma escola de corte-e-costura em cada uma das aglomerações de imigrantes (Handa, 1973). Essas associações foram com o tempo transformando-se em associações recreativas e culturais.

Os jovens com quatorze ou quinze anos já eram considerados adultos como mão-de-obra, pois não podiam ser mantidos além da escola primária e ter o *luxo* de permanecer estudando para sempre. Eles viviam isolados de um contexto social mais amplo, pois os únicos com quem se relacionavam eram os outros membros da Colônia ou camaradas brasileiros. Assim, os *seinen-kais,* ou associações de jovens, eram os únicos espaços onde os mesmos podiam ampliar seus conhecimentos e aprofundar sua cultura[15]

Embora o português desses jovens fosse suficiente para se comunicarem com colonos e camaradas, não era tão bom a ponto de levá-los ao mundo da leitura, que possibilitasse o aprimoramento de seu nível cultural. Seus pais liam jornais em japonês, publicados em São Paulo, basicamente com notícias recentes do Japão, enquanto os jovens liam revistas infanto-juvenis japonesas, com ideogramas mais difíceis, acompanhados de caracteres simplificados que facilitavam sua leitura, ou liam histórias em quadrinhos com ilustrações, enviadas do Japão, que eram aguardadas, ansiosamente. Esse material ficava à disposição dos interessados, em sistema de rodízio, para leitura[16] Dessa maneira eles organizavam o tempo livre e o tempo liberado do trabalho.

5. Cidade

Mesmo nas áreas urbanas conforme Handa[17] o lazer era limitado para os imigrantes por causa da dificuldade de entendimento da língua, e estilo de vida com *hobbies* que eles desconheciam. Eles não sabiam como se divertir num país onde as raízes culturais eram por demais diferentes. Assim, alguns imigrantes que se viam solitários numa cidade grande distraíam-se bebendo ou jogando.

O cinema ainda não era popular, pois em 1908, quando os imigrantes japoneses pisaram terras brasileiras, a maioria dos lares brasileiros ainda utilizava o lampião, e o bonde havia começado a funcionar apenas havia alguns anos.

O cinema só passou a ser a principal atividade de lazer da população após a Primeira Guerra Mundial. Os *westerns* norte-americanos eram populares, e o imigrante

13. Até hoje praticada nas associações, clubes e escolas de língua japonesa.
14. Kiyotani e Wakisaka. Educação, cultura, religião. In: COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna, 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade de Cultura Japonesa. p. 211.
15. Kiyotani e Yamashiro, Do kasato-maru até a década de 1920. In: Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna, 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade de Cultura Japonesa. 1992, p.129.
16. HANDA. 1987. Op. Cit. p.515-516
17. Ibidem, p.194

japonês deliciava-se, apesar de não conseguir ler os letreiros, pois "os inconfundíveis *mocinho* e *bandido* eram compreensíveis até para o mais recente imigrante japonês. Já os filmes japoneses foram exibidos pela primeira vez em 1929, "numa sessão de cinema itinerante, com a fundação da Companhia Nipo-Brasileira de Cinema, na cidade de Bauru"[18] Esses *cinemas ambulantes* tornaram-se importantes formas de entretenimento dos japoneses que moravam no interior e amenizavam a vida dura que levavam.

Quando eles vinham do interior para a cidade de São Paulo o bairro da Liberdade era ponto de encontro; assim, havia hospedarias, que serviam também como ponto de referência aos que estavam à procura de emprego. Para muitos, era prazeroso "encontrar outros rostos japoneses, conversar em japonês e comer comida japonesa". O programa dos rapazes solteiros, que trabalhavam temporariamente, por exemplo, como garçons ou copeiros ou em serviços domésticos gerais, no tempo livre, era dormir até quanto podiam pela manhã, acordar apostando no *bicho*, comprar bilhetes de loteria, e à noite jogar "frontão" (jogo de pelota), pegar cinema ou perambular pelas ruas das *zonas*[19]

A partir de 1916, o beisebol foi ganhando espaço e contribuindo para disciplinar os hábitos sociais dos rapazes. Fundaram o clube Mikado, que ficava na parte baixa da ladeira, próximo à Rua Conde de Sarzedas. No mesmo ano foi também organizado o Nippon Club, na região alta da rua Conde de Sarzedas, constituído de um grupo de pessoas consideradas intelectuais e, por volta de 1925, já havia um campo de tênis no terreno baldio entre as ruas Conde de Sarzedas e dos Estudantes[20]

6. Eventos

Em relação aos eventos mais populares na época o único capaz de reunir imigrantes na cidade de São Paulo era o aniversário do imperador do Japão (*tenchôssetsu*), que era realizado no Parque Antártica, situado no final da avenida Água Branca, em frente às indústrias Matarazzo [21]. Com o tempo, passaram a festejar no Parque da Aclimação. Nessas festas as famílias levavam seus lanches à moda japonesa o *bentô*, que tomavam em conjunto com outras famílias, elogiando-se reciprocamente as habilidades no seu preparo.

Eram proferidos discursos retóricos de pessoas importantes, tocados os hinos nacionais do Japão e do Brasil e bradavam-se três *banzai*s ou vivas em homenagem ao aniversariante, o Imperador. Depois havia comes e bebes e *undôkai* ou gincana poliesportiva e "era freqüente a promoção de espetáculos teatrais, que não passavam de imitações do teatro clássico *kabuki*"[22]. Em alguns núcleos de colonização, além do *undokai*, faziam competição de *sumô*. Têm-se notícia de que em 1914, portanto seis

18. Ibidem, p. 190
19. Ibidem, p. 171-172
20. Ibidem, p. 165-179
21. Ibidem, p. 180
22. HANDA. 1973. Op.cit. p.388

anos após a entrada dos imigrantes no Brasil, já havia um torneio de sumô para celebrar o aniversário do Imperador[23].

Eles se divertiam muito nas festas de casamento, ocasião em que se verificava a presença quase total dos convidados, mais do que nas cerimônias. Eram ocasiões para demonstrar as *habilidades ocultas* (*kakushiguei*)[24], que constituíam a diversão da festa, pois cada um podia mostrar sua habilidade, cantando, dançando ou na representando.

O Natal não tinha muito significado para os imigrantes, que não eram cristãos, enquanto que a passagem do ano e o Ano Novo eram importantes dias de descanso. Era, também, o momento de confraternização em que os imigrantes, velhos e novos, se juntavam para comer *gochissô* (iguaria) e beberem. E, *quando a pinga subia à cabeça*, alguns começavam a cantar os cantos aprendidos no Japão ou no navio que os trouxera, ou então cantavam canções inventadas por eles mesmos. Por vezes havia até acompanhamento de *shamissen*[25]

O mês de junho[26] era uma época de muito trabalho por causa da colheita do café, mas passaram a adotar festa junina, quando se fazia fogueira e dançava-se ao som de sanfonas e violões. Erguia-se mastro ou pau-de-sebo no centro e as pessoas se divertiam com os que tentavam alcançar o topo subindo, escorregando e caindo. Assavam-se mandiocas e batatas-doces e faziam-se muitas brincadeiras adivinhatórias.

De início os imigrantes japoneses não se entusiasmavam com essas festas, apenas assistindo à alegre festa tomando o quentão. Mas, com o tempo, passaram a festejar, como festas das noites de inverno.

7. Outras atividades

Assim, para alguns, comer, beber e cantar passaram a ser a melhor das diversões. Os cantos e as danças eram praticados tanto nas zonas rurais como nas cidades, ao contrário do *ikebana* ou do *cha-no-yu* (cerimonial do chá), que eram praticados na cidade. O cerimonial do chá só passou a ser desenvolvido após a Segunda Guerra Mundial.

Os principais acontecimentos eram divulgados pelos jornais da comunidade que não só informavam como também publicavam os poemas, *tanka*, *haikai* ou *haiku*, que também não deixava de ser motivação para captação dos leitores. Esse fato impede de vez a deterioração da cultura das sociedades agrícolas, conforme Handa (1987: 611).

Com a relativa conquista da estabilidade financeira, foi aumentando o número de praticantes de *ikebana*, bailado japonês, o canto e o *shamissen*. A culinária foi sendo divulgada como arte, a jardinagem e o *bonsai* foram, aos poucos, se mesclando à vida brasileira, com olhares estéticos das gerações jovens[27]

23. KIYOTANI; WAKISAKA. Educação, cultura, religião. In: COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna. 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade de Cultura Japonesa. 1992. p.553.
24. Eram momentos para mostrar suas habilidades para cantar, dançar ou representar.
25. HANDA. 1987. Op. Cit. p.114.
26. HANDA. 1987. Op. Cit. p.136-137.
27. HANDA. 1973. Op. Cit. p 412-413

8. Considerações finais

Todas essas atividades foram sendo introduzidas de livre e espontânea vontade dos imigrantes, sem a imposição por parte do governo, seja brasileiro ou japonês. E, mesmo, quase 100 anos após a vinda deles ao Brasil, essas atividades e eventos não desapareceram. Isso explica a importância delas na vida de muita gente, exercendo funções de entretenimento ou diversão, de relaxamento ou descanso, ou de aprimoramento da personalidade ou potencialidade, além de constituírem e contribuírem para a formação do cenário multicultural brasileiro.

Muitas dessas atividades são hoje praticadas no cotidiano de brasileiros não nikkei e alguns vocábulos fazem parte do dicionário de língua portuguesa.

Depreende-se nesse contexto social da época, que o início da vida dos imigrantes foi dura e severa, pois o tempo livre era quase inexistente, embora tivessem tempo liberado do trabalho, mas era um corre-corre de obrigações familiares e sociais.

Talvez, por essa razão, tinha um grande sentido na vida dos imigrantes o lazer pelas coisas simples como: comer arroz branco todos os dias, brincar com jogo lúdico das palavras, escrevendo poesias, deliciar-se com o banho de ofurô, que é hoje adotado em alguns spas de relaxamento, e a alegria em ver suas plantas crescerem nas culturas independentes.

O valioso espírito de *we group* citado por Hiroshi Saito[28], valor cultural importante na formação das associações e na resolução de problemas coletivos, acabou exercendo papel de divulgação da cultura e interferiu na formação integral de futuras gerações através da criação de espaços de lazer. Pois, estes exerceram e exercem papel fundamental na coesão grupal, através de suas práticas de atividades e eventos, que se encontram diluídos na sociedade brasileira, como sumô, beisebol, dança, cantos, ikebana, cerimonial do chá e outros, enriquecendo e diversificando os lazeres no Brasil.

Enfim, todo esse conjunto de atividades veio, também, amenizando o impacto do *gap* cultural entre brasileiros e japoneses, servindo de ponto de apoio e de sustentabilidade para os imigrantes e suas gerações, aproximando os imigrantes à comunidade brasileira em geral.

Bibliografia

Comissão de elaboração da história dos 80 anos de imigração japonesa. *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. 1992. 603p.

Dumazedier, Joffre. *Vers une civilisation du loisir?* Paris/France: Points Civilisation. 1972. 307p.

Dumazedier, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva. 1976. 333p.

28. SAITO. *A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, Série A, n.1, 1977.

HANDA, Tomoo. Senso estético na vida dos imigrantes japoneses. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. São Paulo: Vozes. 1973. p.386-413.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês. História de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A Queiroz. 1987. 828p

SAITO, Hiroshi *A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, Série A n.1, 1977. 25p.

IKARI, Luci Tiho. "Lazer e tempo livre da Comunidade Nikkei na Região Metropolitana de São Paulo - Estudo das atividades esportivas, culturais e sociais" Dissertação de Mestrado. 2002 170p.

KIYOTANI, Masuji e WAKISAKA, Katsunori. Educação, cultura, religião. In: COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna, 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade de Cultura Japonesa. 1992. p.547-558.

KIYOTANI, Masuji e YAMASHIRO, José. Do kasato-maru até a década de 1920. In: COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna, 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade de Cultura Japonesa. 1992. p.63-135.